

Formação de Leitores

19/04/2024

As Parábolas da Misericórdia (Parte I)

A Parábola da ovelha perdida (Lc 15,4-7)

Introdução

No evangelho de Lucas, **Jesus narra uma parábola em três atos e três protagonistas**: um pastor (Lc 15,4-7), uma mulher (Lc 15,8-10) e um Pai (Lc 15,11-32). Todos procuram e todos encontrarão. São três cenários quotidianos que desvelam algo extraordinário: *o mais desprezado ou insignificante, afinal, é profundamente desejado*.

Na verdade, trata-se de uma narrativa em forma de tríptico. O motivo encontra-se em Lc 15,1-3, nomeadamente na acusação que os fariseus e os escribas dirigem a Jesus: “Este **acolhe os pecadores e come com eles**” (Lc 15,2). Porque, para irritação deles “**TODOS** os publicanos e pecadores aproximavam-se dele [Jesus] para o escutar” (Lc 15,1).

A parábola surge como resposta a essa provocação. E, como tal, ela não é contada aos pecadores e publicanos, mas aos fariseus e escribas, que na sua soberba religiosa julgam-se justos. Por mais que nos custe, como leitores e ouvintes, temos de ocupar o lugar certo do auditório e com humildade escutarmos também o recado e a advertência dirigida aos fariseus e escribas.

Comentário:

“QUEM dentre vós que, possuindo cem ovelhas e tendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai à procura da que se tinha perdido, até a encontrar?” (Lc 15,4).

Jesus inicia a parábola com uma provocação: “Quem..., dentre vós”? Quem se atreve a procurar apenas um animal que se extraviou de um rebanho numeroso? A resposta é simples: somente alguém com alma e o coração de um autêntico PASTOR!



Por isso, fixemos o olhar nesta figura e ao que ela faz. A chave de leitura revela-se num pastor afeiçoado ao rebanho. Porém, a ovelha que perdeu é, de longe, a sua favorita. **E procura-a com um desejo intenso...**

No tempo de Jesus havia apenas dois tipos de pastores: os contratados, que não tinham uma relação duradoura com o rebanho, e os *pastores “de profissão”*, ou melhor dizendo, **de entranhas e coração**. É nesta última categoria que se encaixa o pastor da parábola.

Enquanto qualquer camponês do século primeiro conhece perfeitamente o significado de ser pastor, nós, cidadãos cosmopolitas do século vinte e um, quase o ignoramos por completo. Por essa razão, é necessário abrir desde já um parêntesis: **só é possível compreender a força e a vitalidade da parábola conhecendo a fundo este “Quem”**: **Quem é um autêntico pastor** (Não “o quê”, mas “**QUEM**”. Ser Pastor é sempre uma questão de “*Quem*”, é impossível interpretá-lo numa categoria meramente profissional):

Até há cerca de 50 anos – e ainda hoje nalgumas aldeias remotas – o pastor vive permanentemente com as suas ovelhas. *Ser pastor não é uma profissão, mas uma entrega*. Não admira, portanto, que na maior parte

das vezes seja solitário. Como refere o Bispo D. António Couto, numa das suas homilias: «*Ele é o companheiro para quem as horas do seu rebanho são também as suas, corre os mesmos riscos, a mesma fome e a mesma sede, o sol que cai sobre o rebanho cai também sobre ele.*» E como testemunhava um certo pastor numa entrevista à RTP: «*Isto tem que se fazer **com amor**, senão não se faz.*»

A manhã de um pastor começa de madrugada, bem cedo, entre as quatro e cinco da manhã, quando sai com o rebanho para procurar pastagens, ou reuni-lo primeiro no curral com as crias. Geralmente a jornada termina somente entre as sete e nove da noite, consoante a época do ano. É um trabalho diário, sem feriados, domingos ou férias. Por isso, pelo contacto permanente com o rebanho, há até muitos pastores que, por vezes, dormem junto dele. Em Israel, no séc. I, era uma prática comum, sobretudo no inverno, quando o pasto escasseava e só se achava em zonas bastante remotas, muito longe do curral. Certas vezes, o pastor encontrava uma caverna, noutras dormia ao relento, na beira do caminho, ou no local do pasto. Era-lhe indiferente, desde que vigiasse o rebanho pela noite dentro.

Outro pormenor fascinante é o modo de uso do cajado (báculo). Enquanto a vara protege as ovelhas dos predadores – uma espécie de pau grosso, resistente, usado como arma contra lobos, chacais ou hienas –, o cajado é um pau curvado na ponta, para erguer as ovelhas que se precipitaram nalgum buraco, ou apanhadas pela correnteza de um rio, realizando o efeito de gancho sob o peito do animal. Seja como for, nem o báculo, nem a vara são jamais usados para agredir o rebanho. Pelo contrário, constituem sempre instrumentos de proteção e amparo das ovelhas.

O pastor também é parteiro. Assiste o nascimento dos borregos, carregando os recém-nascidos ao colo durante dias a fio, vigiando-os e cuidando de cada um de forma redobrada até à maturidade. Por isso, conhece o seu rebanho e cada ovelha como ninguém. Identifica as mais robustas, as frágeis, as sãs, as que estão feridas ou doentes, as mansas, ou as mais rebeldes, as astutas e todas que, simplesmente, seguem sempre a sua voz ou os sinais do seu cajado.

Para quebrar a solidão, **geralmente conversa com as ovelhas, como gente.** Quando alguma se extravía, conhece-a tão bem que, mesmo não a vendo, encontra-a pelo som, pois reconhece-lhe o balido distintivo. E a cada uma atribui um nome, chamando-as constantemente. A voz do pastor é vital para a ovelha, uma referência sempre tranquilizante quando se escutam por perto os uivos de lobos ou outros predadores. Não fosse **A VOZ do pastor**, o rebanho desfazia-se ao mínimo sinal de perigo ou desorientação.

Voltando novamente à parábola, concluímos agora que é impossível um Pastor abandonar uma só das suas ovelhas. Ele não tem outra escolha. Por isso, procura-a “até a encontrar”! Expressão que não impõe nenhum limite de tempo (horas, dias, meses, anos...?)

Esta parábola é uma reviravolta à mentalidade farisaica, convencida que só os cumpridores da Lei de Moisés, dos seus preceitos e da religião encontravam o favor de Deus. Porém Jesus desafia-os (a eles e a nós!) a olharem os pecadores, os abandonados e desprezados da sociedade (ou das nossas comunidades...) como os favoritos do Pai.

Jesus ao aproximar-se dos pecadores e publicanos é o reflexo vivo do Pai. Ele revela-nos que Deus possui a alma e coração de Pastor, disposto a, sempre que necessário, deixar sempre o conforto do rebanho, partindo para o desconhecido! Não cessa de procurar pelos becos, vielas e lugares remotos estes pecadores, considerados por nós “perdidos”, condenados.

Para escândalo dos fariseus e escribas, este Pastor ENCONTRA, DESCOBRE quem eles julgavam irremediavelmente perdido, condenado ao exílio do rebanho e à solidão.

E na segunda parte da narrativa consuma-se o júbilo do tão desejado encontro: «*Ao encontrá-la, põe-na aos ombros CHEIO DE ALEGRIA e, ao chegar a casa, convoca os amigos e vizinhos e diz-lhes: ‘Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida’*» (v.5-6).

Vale a pena descascar o sentido jubiloso desta palavra-chave na parábola: “encontrar”. No texto original, trata-se do verbo grego “*eurisko*” de onde deriva a palavra “*eureka*”. Ela encontra-se impregnada de um forte impacto emotivo e transformador.

Reza a história que a expressão tornou-se famosa com o sábio Arquimedes. Consta que, enquanto tomava banho, foi invadido por uma inspiração, uma ideia genial para resolver um dilema prático. Eufórico de alegria pela extraordinária descoberta, saltou da banheira ainda nu, e assim correu pelas ruas da cidade a gritar: “*Eureka! Eureka!*” («*Descobri! Descobri! Encontrei a solução*»).

A Boa Notícia de Jesus, com ainda mais exuberância, PROCLAMA um Deus que grita outra descoberta: «*Eureka! Eureka! Encontrei quem estava perdido!*». Por isso, termina a parábola: “*Digo-vos Eu: Haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão.*” (v.7).

Paralelamente ao júbilo, este final sugere-nos de forma subtil outra conclusão: o pastor deixou as noventa e nove ovelhas (os noventa e nove “justos”) no “deserto” (v.4). *Não regressam a casa com o pastor, nem participam da festa dos amigos do pastor.*

O livro ‘*As Parábolas da Misericórdia*’ redigido no Jubileu da Misericórdia, adverte-nos para um paradoxo na parábola: “*aqueles que consideram ou presumem estar sem pecado são como as noventa e nove ovelhas abandonadas, sem pastor*” (p.50). Afinal, onde estava a autoridade daqueles que se julgavam justos e pastores do povo de Israel, incapazes de procurar e encontrar os que andavam perdidos?

Com esta parábola Jesus desafia-nos, a nós, “bons” cristãos e católicos, a ousarmos sair dos confins do rebanho, da paróquia e Diocese, e PROCURAR até ENCONTRAR. Convocados a sermos missionários ao ENCONTRO de quem foi desconhecido, à DESCOBERTA de quem foi condenado, negligenciado, abandonado... Para finalizar, *escutemos* dois ecos. Um do profeta Ezequiel, e o outro, em jeito de oração, da boca de Jesus no Evangelho de João:

«Ai dos pastores de Israel, que se apascentam a si mesmos! (...) matastes as rezes mais gordas e não apascentastes as ovelhas. Não tratastes das que eram fracas, não cuidastes da que estava doente, não curastes a que estava ferida; não reconduzistes a transviada; não procurastes a que se tinha perdido; mas a todas tratastes com violência e dureza. (...) Vou tirar as minhas ovelhas das suas mãos (...). Da sua boca arrancarei as minhas ovelhas, e elas nunca mais serão uma presa para eles.’ (...) Sou Eu que apascentarei as minhas ovelhas, sou Eu quem as fará descansar (...). Procurarei aquela que se tinha perdido, reconduzirei a que se tinha tresmalhado; cuidarei a que está ferida e tratarei da que está doente. Vigiarei sobre a que está gorda e forte. A todas apascentarei com justiça.» (Ez 34, 2-15)

*«Eu sou o Bom Pastor. O Bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas. O mercenário, como não é pastor, nem são suas as ovelhas, logo que vê vir o lobo, deixa as ovelhas e foge, enquanto o lobo as arrebatava e dispersa. O mercenário não se preocupa com as ovelhas. **Eu sou o Bom Pastor:** conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem-me, do mesmo modo que o Pai Me conhece e Eu conheço o Pai; Eu dou a minha vida pelas minhas ovelhas. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil e preciso de as reunir; elas ouvirão a minha voz e haverá um só rebanho e um só Pastor. Por isso o Pai Me ama: porque dou a minha vida, para poder retomá-la. Ninguém Me tira, sou Eu que a dou espontaneamente. Tenho o poder de a dar e de a retomar: foi este o mandamento que recebi de meu Pai.»* (Jo 10, 11-18)

Gustavo Cabral

Bibliografia: A. Couto, “*A Misericórdia, Lugar e modo*”, Letras & Coisas, 2016; Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, “*As Parábolas da Misericórdia*”, Paulus Editora, 2015